

21-11-20
João de Barros

1323

1.250.

BIBLIOTHECA ESCOLHIDA

IX

THEATRO

VIII

ENVELHECER

Peça em quatro actos

MARCELLINO MESQUITA

ENVELHECER

QUARTA EDIÇÃO

U4407202176



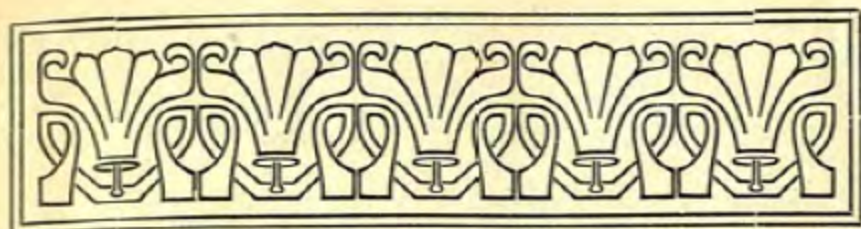
LISBOA
J. RODRIGUES & C.^ª, EDITORES
186—RUA AUREA—188
1916

PERSONAGENS

DR. ALVES MARTINS..	Medico e professor de fama; 54 annos: grisalho.
EDUARDO DE MELLO ..	Ex-diplomata; 50 annos, typo fino e gasto.
DR. JOÃO VEIGA	Advogado, 50 annos. Bem con- servado.
MANUEL AVILA	Typo aloirado, 25 annos, vul- gar.
LUIZA MARTINS	Cabello e olhos pretos, 20 an- nos, bella.
A CONDESSA OCTAVIA..	Typo meridional, 45 annos; branqueiando; restos de antiga belleza.
JOÃO MENDES	} Entre 20 e 30 annos.
JOSÉ DE CASTRO	
MANUEL TELLES	
MARIA EMILIA	} Entre 20 e 25 annos.
ANTONIA BRAGA	
MARIA DO CARMO	
UM CREADO VELHO	70 annos.
UMA CREADA NOVA	20 annos.

Creados, convidados.

Lisboa — Actualidade



ACTO PRIMEIRO

Escritorio luxuoso, em casa de Eduardo de Mello.

Estantes com livros: sobre o lambriz alto, fotografias, pequenos objectos de arte: sobre as estantes, jarras, estatuetas: a um lado um grande espelho de Veneza; no outro um fogão. Ao fundo (lado do fogão) um arco fechado por amplo reposteiro, cahido. Secretária, cadeiras, etc.)

(Ao levantar do pano Eduardo passeia, com ar triste, enquanto, á secretária, o Dr. João Veiga mette, n'uma pasta, papeis que examina com o olhar. Ao mesmo tempo a creada, de avental branco e laço escuro na cabeça, prepara o chá, n'uma pequena mesa).

VEIGA *(depois de largo silencio)*

Estás descansado?

EDUARDO

Tudo em ordem?

VEIGA *(fechando a pasta)*

Tudo.

EDUARDO *(junto à mesa do chá)*

Que vinho preferes? Porto ou Madeira?

VEIGA

E'-me indifferente.

EDUARDO

Deves gostar mais de um d'elles. Se bem me lembra...

VEIGA

Madeira.

EDUARDO *(à creada)*

Está?

CREADA

Não está. Eu vou buscar. *(Sahe)*

VEIGA

Noto, sempre, em tua casa, uma coisa... interessante, Eduardo.

EDUARDO

O quê?

VEIGA

A frescura das creadas que arranjas. Sempre novas; sempre bonitas.

EDUARDO

Escôlho-as. Bonitas são mais agradáveis de vêr. Detesto os homens nos serviços de escada acima. São sempre grosseiros... *(Comem)*

VEIGA

Ha creados habeis, geitosos...

EDUARDO

Quando assim são, teem o quer que seja de femininos... enojam-me. Não comes mais nada? Uma fatia de *foie-gras*?

VEIGA

Obrigado. *(A creada entra com o vinho).*

CREADA

E' preciso servir o chá?

EDUARDO

Não: pódes ir-te; se fôr preciso, chamo. *(Serye. Pausa).*

VEIGA

Quanto tempo tencionas demorar-te, Eduardo?

EDUARDO

Um mez... talvez mais... não sei.

VEIGA

Um mez? Imaginei que ias estar, fóra, mais de que um anno... por muito tempo, enfim.

EDUARDO

Porquê?

VEIGA

Era preciso fazeres testamento, deixares tudo disposto como para uma longa ausencia?

EDUARDO *(muito sério)*

Estou velho !

VEIGA *(surprehendido)*

Estás velho?

EDUARDO

Não?... Velhissimo, João.

VEIGA

Velhissimo?! Tu exageras. Ha um tempo para cá... estranhámos-te, um pouco, é certo. És menos expansivo, esbranqueceste, talvez, um tanto, não ha duvida; mas d'ahi á velhice...

EDUARDO

Sinto-me doente.

VEIGA

Não tens esse aspecto. Uma doença moral?

EDUARDO

Meu caro João, eu sou, como tantos homens de hoje, que tendo acumulado durante annos, uma serie de males, conseguem equilibrar-se, por uma vida calma. Apparentemente bons, no momento em que uma doença grave os alcança todo o organismo se perturba, e, apenas, dias de sofrimento revelam o estrago de annos.

VEIGA

Dá-se contigo o caso?

EDUARDO

Tu comprehendes que não se passam, impune-mente, mais de vinte annos pelas côrtes de Vienna e de Paris, não sendo um imbecil nem um aleijado, sem ter abusado dos nervos.

VEIGA

Parece que não poupaste os teus.

EDUARDO

A mocidade obriga. Fiz o que todos fazem, no meu caso. Cançado, senti que era tempo de me poupar um tanto... e vim...

VEIGA

E, descançaste; vives tranquillo...

EDUARDO *(com dôr)*

Oh! Oh! Tranquillo! Viví... viví.

VEIGA

E' uma surpresa, Eduardo. Não és feliz? Rico, considerado... um bello nome... Não és feliz?

EDUARDO (*convicto*)

Não.

VEIGA

Porquê?

EDUARDO

Não sabes porquê? E' porque eu não tenho, já, um dia, uma hora, um minuto, de alegria no mundo! (*Exaltado*) Não tenho nem poderei ter jámais! Porque tudo me irrita; ouve, tudo me humilla, tudo me repelle.

VEIGA (*espantado*)

A ti?

EDUARDO

A mim.

VEIGA

Começo a receiar que estejas doente, Eduardo.

EDUARDO

Se o estou. Deixa-m'o dizer-t'o... fallar... Com ninguem mais poderia fazêl-o senão contigo.

VEIGA

Dize, falla.

EDUARDO

Não fôste franco, ha bocado. Tu devias têr-me dito—o que tens que ha tanto te vejo, triste, concentrado, outro? A tua cara indica um sofrimento grande: porque sofres? A nossa velha amizade ter-to-hia permitido e eu ter-me-hia explicado... com prazer.

VEIGA

Não te via tão mal.

EDUARDO

Mas vês agora. Dize: vês ou não? *(olhando-o fito)*. Se vês! Eu digo-te que sou o mais desgraçado dos homens, o mais lamentavel, o mais digno de piedade! Sobre a minha cabeça tu vês os signaes que deixam as noites mal dormidas, as agonias intimas dos males irremediaveis. O que imaginas, tu, João, que me possa ter acontecido, que me aconteça, n'este momento, para me torturar assim?

VEIGA

Espantas-me. O que poderei imaginar?...

EDUARDO

Uma coisa vulgar e estranha.

VEIGA

Que te moleste assim?

EDUARDO

Como um carrasco !

VEIGA

Não sei.

EDUARDO

Vou dizer-t'o... Não rias por piedade, não rias. Sabes, tu, o que me acontece? *(Pausa)*. Amo, amo, profunda e miseravelmente !

VEIGA

O mal não é tão grande...

EDUARDO

Que mate de chofre ? antes matasse.

VEIGA

Não compreendo bem a situação. A mulher que amas é indigna de teu amôr ?

EDUARDO

A mais digna creatura de Terra.

VEIGA

Casada ?

EDUARDO

Solteira.

VEIGA

Conhece o teu amôr ?

EDUARDO

Não.

VEIGA

Não lh'o podes dizer?

EDUARDO

Oh! Nunca.

VEIGA

Que mulher, é então?

EDUARDO

Ah! meu João; mas não se trata da mulher, trata-se de mim. Quem quer que seja a mulher, o amoroso sou eu, com estes cabellos, com esta barba a branqueiar, com cincoenta annos feitos e metade da vida gasta pelas alcôvas discretas e pelos gabinetes dos restaurantes. Amar, na minha idade, é uma aberração, é um crime.

VEIGA

Um crime!?

EDUARDO

De leza natureza. Cada idade da vida tem a sua maneira de sêr, a sua função propria, o seu poder definido. O amôr, como os fructos, deve nascer no seu tempo, fóra d'elle envenena as origens da vida.
(Passeia. Pausa).

VEIGA

Eu quero concordar contigo, Eduardo, em que o amor na tua idade, não seja um bem...

EDUARDO

Um horror!

VEIGA

Estás muito preocupado, nervoso, como homem que tem discutido muito consigo próprio, que se tem analysado com persistencia, longo tempo. Assim, tu o sabes melhor do que eu, acaba-se por se perder a serenidade, o cerebro adoece e todos os raciocinios vem inquinados de erros. Exageras. E' um mal o teu amor tardio? Seja. E' uma fatalidade?...

EDUARDO

Absoluta.

VEIGA

Oh! não.

EDUARDO

No meu caso, João, é.

VEIGA

No teu caso; mas o teu caso...

EDUARDO

Que tu não conheces, é este. Tu sabes que eu tenho um velho e intimo amigo, cuja casa frequentei

durante quinze annos, a toda hora; onde entrava e sahia como se fôsse minha, como posso fazêl-o ainda hoje. Sabes a casa a que me refiro?

VEIGA

A do Alves Martins.

EDUARDO

Essa. Sabes que elle tem uma filha...

VEIGA

Que vai casar... breve.

EDUARDO

Que vai casar em dias e cuja escriptura nupcial se assigna hoje.

VEIGA

E' uma distinta senhora.

EDUARDO

Como não conheço outra, como não conheci nunca, nem vi, entre tanta mulher com quem convivi, de raças, de costumes, de caractéres differentes. Bem: é a filha do meu maior e do meu melhor amigo; é essa encantadôra menina que tu conheces, que assigna esta tarde a escriptura do seu casamento, que antes de oito dias será mulher do homem que escolheu para marido, é essa creança adoravel que eu amo!

VEIGA (*reflexivo*)

E... amas verdadeiramente? Não será isso apenas...

EDUARDO

...Ouve...

VEIGA

...Uma allucinação de momento...?

EDUARDO

Ouve. Quando cheguei a Lisboa, ha quinze annos, doente de corpo e de espirito, por vinte annos de vida mundana, intensa, encontrei na velha amizade de Alves Martins o conselho amigo da sua sciencia e da sua experiencia. Tinhamos sido como irmãos em Coimbra, tornámos a sê-lo. Morrera-lhe, já, a mulher deixando-lhe uma filhita que tinha, a esse tempo, cinco annos. Viva, intelligente, bôa... um amôr de creança. Levado pela crescente fama de medico, o pai não tinha um momento de seu, durante o dia. E, assim, a pouco e pouco lhe fui usurpando o logar; de modo que ao mesmo tempo em que as mestras ensinavam a Luiza as linguas e a musica, durante os passeios de tarde, ás horas de folga, em casa, eu lhe fui ensinando a vida das coisas, da plantas, dos animaes e dos homens. Tu comprehendes que com a delicadeza de tacto que me dava a sciencia da vida, pude, alargando-lhe as qualidades affe-

ctivas do coração, crear-lhe uma intelligencia clara. um criterio alto, um carácter Com que amor o fiz! Durante quinze annos, dia a dia, a vi, enlevado, crescer em dotes da alma e do corpo. Que orgulho eu tinha da minha obra! Desvanecimento justificado, aliás, pois creára, como um artista apaixonado, com um longo trabalho, uma obra prima de graça e de belleza. Com que amor a olhava! Amor, limpido, claro, do pai que se revê na filha, do irmão que adora a irmã! Assim o imaginava; mas um dia, oh! o cruel engano!, — ah! esse dia maldito! — senti no coração um apêto horrivel, a cabeça obscureceu-se-me como n'um signal de morte e comprehendí, transido! que a amava em amante, que a amava em amor!

VEIGA

Como o percebeste?

EDUARDO

Vendo-a olhar, pela primeira vez, para esse rapaz que vai ser o seu marido.

VEIGA

Amorosamente?

EDUARDO

Oh! esse olhar! tenho-o ainda hoje no meu, quando fecho os olhos: vejo-o como se ha um momento deixasse de o vêr! Olhar horrivel, que me fez vêr,

n'um segundo, todo o caminho d'um calvario: que cavava entre mim e ella um abysmo, uma separação fatal; que m'a roubava, emfim, ao meu affecto, audaciosamente e para sempre! Entre mim e ella appareceu um homem... e esse homem que era, natural, logico que apparecesse, erguia-se perante mim não como um amigo commum a acolher, mas como inimigo formidavel, brutal, que me estrafegava, com a mão liza dos vinte annos, o coração dorido de anciedade e de mêdo! Tudo vi n'esse momento a afogar-me n'uma dôr infinita! Comprehendes agora?

VEIGA

Comprehendo o que tens soffrido.

EDUARDO

O que tenho soffrido! Desde esse dia! Calcûla: a esconder, a occultar, bem no fundo da alma, este amor... ridiculo! Que longa cadeia de golpes: o namôro que se accentúa e se faz publico, as confidencias de Luiza, — a mim! —, as visitas primeiras, o pedido de casamento, as intimidades de noivos! Ha um anno, um anno que percebi que a amava e nunca mais dormi! Os cabellos embranquecem-me a correr; mata-me essa tristeza funda, intima, que eu não conhecia, da velhice, que nos torna desterrados da terra, da vida, que nos atira para o lado, para os mais passarem e rirem e amarem! Como reagir?

como lutar? A mocidade é bella e invencível! Só ella é grande na Terra, a idade do amor, dos sonhos, da felicidade... Que vida vai ser a minha! Sem descanso, sem treguas, que hei de fazer?

VEIGA

E' grave a situação.

EDUARDO

Eu t'o dizia, ha pouco.

VEIGA

Mas tu és um homem, um homem de criterio, intelligente, digno, sabes o que tens a fazer.

EDUARDO

O quê?

VEIGA

Soffrer, ter coragem.

EDUARDO

Tenho-a tido, quanta nunca imaginei poder ter. Ah! é bom de dizer: tem coragem. A coragem está nos nervos, no cerebro: ha vinte annos tel-a-hia de sobra. O que então redobraria a fôrça da vontade, hoje aniquila-a... Tu és feliz; tens tua mulher e teus filhos que adoras, tu não podes comprehender o que é ter encontrado, aos cincoenta annos, a mulher que se procurou pela vida fóra. Têl-a encon-

trado, têl-a de certo modo possuido na intimidade da familia, do lar, têl-a feito, inconscientemente, a parte nobre, a metade ou mais da sua vida e de repente perceber que tudo é um sonho e que esse sonho tem, rudemente, de acabar, de morrer ! Acorda dormente !... E, não haver uma solução ! não poder oppôr-me, face a face, ao ladrão que me rouba a unica razão que eu tenho de viver, porque se me oppuzesse, ella seria a primeira a rir no côro das chufas que segue os velhos tontos quando galanteiam, ou quando, egoistas e imbecís, se apalham, casando .. Amar como um rapaz e ser um velho ! e ter de sêl-o, por força, calado, humilde, porque a altivez seria um rasgo de farça e as lagrimas, vistas, prostituiriam o mais bello sentimento humano. Eis a minha bella situação. O que farias, tu, no meu caso ?

VEIGA

Buscava um remedio.

EDUARDO

Um remedio. Ha um remedio ?

VEIGA

Tudo o tem no mundo. Para ti ha um digno do teu espirito e do teu character.

EDUARDO

Qual é ?

VEIGA

A conformação. Aceita o facto e soffre-lhe, altivamente, as consequencias.

EDUARDO

Altivamente.

VEIGA

Estoicamente.

EDUARDO

Não posso.

VEIGA

Tu não podes, nem deves, ir perturbar a felicidade do casamento d'essa menina com uma nota afflictiva e lamentosa.

EDUARDO

Quem o pensou?

VEIGA

Não queres casar com ella á força de piedade? Não terás essa loucura?

EDUARDO

Oh! João.

VEIGA

O que te resta? Continuar a fazer o que tens feito; seres o amigo intimo, dedicado, o conselheiro, o seu segundo pai. Collocar a sua felicidade acima de todos os orgulhos feridos, de todo o amôr proprio esmagado, digamos a palavra, de todos os ciumes... do teu ciume egoista.